

---

# *Terra sigillata* hispânica tardia do concelho de Fronteira: exemplares recolhidos entre 1999 e 2003

ANDRÉ CARNEIRO\*  
EURICO DE SEPÚLVEDA\*\*

**R E S U M O** Divulga-se um fabrico cerâmico insuficientemente conhecido no território português. Tendo sido recolhido em vários sítios arqueológicos no concelho de Fronteira, os autores apresentam os fragmentos recolhidos de *terra sigillata* hispânica tardia e esboçam um mapa de distribuição da referida produção para os arqueossítios romanos em Portugal.

**A B S T R A C T** The authors study a case of Late Hispanic *terra sigillata* found within the concelho de Fronteira (Alentejo, Portugal). Several sherds were excavated and picked up in four archaeological sites: Horta da Torre, Monte de São Francisco, Monte de São Pedro e São Saturnino. They try, as well, to draw a distribution map of this fine Hispanic Samian ware in Portugal.

## 1. Metodologia

O conjunto de fragmentos aqui apresentados provém de trabalhos arqueológicos com diferentes especificidades.

No caso das peças provenientes do Monte de São Pedro, estamos perante exemplares recolhidos em escavação arqueológica, com recolha metodologicamente controlada em contextos estratigráficos bem definidos<sup>1</sup>.

O grupo numericamente mais extenso resulta de recolhas em prospecções realizadas em sítios arqueológicos actualmente bem conhecidos, fruto de um constante acompanhamento *à evolução da vida* recente destes locais que, desde 1999 até à actualidade, tem sido mantido. São Francisco e Horta da Torre são *villae* onde o volume de materiais recolhidos em prospecção é já considerável, devendo-se esta circunstância a características intrínsecas ao tipo de ocupação que decorreu

nos referidos locais (monumentalidade, qualidade dos elementos materiais e longa diacronia de presença), mas também a factores naturais e antrópicos de interacção/destruição dos contextos no subsolo: em São Francisco estamos perante uma *villa*, onde se processou uma intensa prática agrícola e com notícia de um arrancamento de tapete de mosaicos na década de cinquenta do século XX; quanto à Horta da Torre, os impactos já foram descritos em outra ocasião (Carneiro, 1999-2000, p. 77-80). Já em São Saturnino, por qualquer um dos motivos anteriormente mencionados, são mais escassas as evidências, com reflexo no volume de materiais disponíveis para análise.

Temos, assim, que o conjunto de materiais provenientes de trabalhos de prospecção é também consequência dos processos tafonómicos e do grau de revolvimento que os sítios sofreram, e não apenas do perfil do paleo-povoamento que neles teve lugar. Processa-se uma relação em que o número de materiais recolhidos à superfície é inversamente proporcional ao grau de preservação dos níveis arqueológicos (Carneiro, 2002, cap. 2.2.). Há, portanto, uma deformação da amostra que não pode deixar de ser tomada em consideração, especialmente quando estamos perante arqueosítios de larga cronologia (onde os níveis superficiais, teoricamente mais recentes, são os primeiros a ser perturbados) e em que o “arsenal” de artefactos utilizados se situaria na ordem dos milhares, tendo nós acesso apenas a uma pálida e indefinida amostra da realidade que terá existido.

De qualquer forma, estas são contingências que se aplicam, em maior ou menor extensão, a qualquer trabalho arqueológico, e, para o caso presente, a nossa intenção está, sobretudo, alicerçada na divulgação pública de um fabrico cerâmico pouco conhecido no território português: a *terra sigillata* hispânica tardia.

## 2. Sítios de proveniência dos fragmentos em estudo

Apesar do concelho de Fronteira apresentar uma superfície relativamente restrita (245,2 km<sup>2</sup>), foram identificados, até ao momento<sup>2</sup>, 208 sítios arqueológicos, dos quais 46<sup>3</sup> são de época romana imperial com vestígios de habitat ou necrópole, especialmente localizados, ou sobre os quais existe informação suficientemente consistente nos dados de terreno ou em bibliografia produzida.

Deste conjunto apenas em quatro locais foram identificados fragmentos de *terra sigillata* hispânica tardia. Na Horta da Torre, em São Saturnino e em São Francisco, através de recolha em prospecção, e no Monte de São Pedro, unicamente identificados em escavação.

Este dado merece alguns comentários.

Apenas foram recolhidos fragmentos deste tipo cerâmico em sítios classificados como *villae*, sendo que no interior desta categoria estamos perante o elenco de lugares de onde provém a maior quantidade e a melhor qualidade de materiais arqueológicos, em termos globais, no concelho de Fronteira. Poderemos acrescentar ainda que se trata de lugares com uma larga diacronia de ocupação e com uma notável inserção nas correntes de abastecimento comercial, dada a variedade do panorama artefactual que em cada um destes é visível<sup>4</sup>. Ou seja, estamos perante *villae* onde havia um investimento declarado nos aspectos arquitectónicos, estruturais, materiais e artefactuais, o que as transformaram em *villae de primeira ordem* (e nestes quatro sítios estamos perante os melhores exemplos da *villa urbs in agrum* que representava o paradigma cultural dominante na época), bem distintas de outras onde esta situação não se parece verificar<sup>5</sup> e que, até pela sua posição geográfica mais periférica, poderiam estar remetidas para um quadro de maior subalternidade ou com distintos modelos de ocupação.

Este factor assume grande importância, pois a *terra sigillata* hispânica tardia é diferenciada no que diz respeito à sua penetração no mercado, em relação à *terra sigillata* hispânica alto-imperial.

Esta última apresenta uma extensa distribuição geográfica no concelho de Fronteira, estando presente em dez sítios, incluindo três da categoria “casal”, o que indica uma distribuição que, claramente, atinge mesmo os sítios rurais secundários.

A geografia da distribuição é muito relevante, pois estamos perante um tipo de produção muito específico e dependente de vários factores, como sejam, logicamente, a cronologia de ocupação, os gostos do proprietário, a capacidade aquisitiva, mas também a proximidade às principais vias de circulação e aos mercados de abastecimento dos produtos. Não deixa de ser revelador que a *terra sigillata* hispânica tardia (tal como outros materiais) esteja presente apenas nestes e não em outros sítios, o que também ajuda a marcar a diferença de *patamar qualitativo* em que estas *villae* se encontram relativamente às restantes. Como em outras situações, estamos perante um caso em que o registo das ausências é tão rico de significado como o das presenças.

### 2.1. Horta da Torre

A descrição desta grande *villa* e das vicissitudes que atravessou mais recentemente já foi feita em outros lugares (Carneiro, 1999-2000, 2002, 4.1. e ficha n.º 26). Trata-se de uma *villa* monumental onde a relevância das estruturas, ainda hoje visíveis, levou a que os seus diferentes sectores fossem baptizados com três microtopónimos: o *Banho*, grande tanque de contenção de águas; a *Torre*, construção em abside pertencente à *pars urbana*; e a *Mesquita*, uma outra estrutura, também em abside, que poderá ter sido utilizada como basílica paleocristã.

Em 2003, já com os estudos acima referidos publicamente divulgados, verificou-se mais uma acção que teve efeitos perversos na preservação do sítio, visto que uma lavra de maior profundidade terá afectado um tapete de mosaicos, a julgar por algumas *tesselae* visíveis à superfície que então foram recolhidas. Desta forma, a Câmara Municipal de Fronteira iniciou, em Março desse ano, a realização de sondagens que procuraram avaliar o grau de preservação das estruturas no subsolo.

Os resultados foram relevantes, permitindo identificar um sistema de armazenamento e condução de água ligado a dois tanques de *opus signinum* e a uma canalização inserida no afloramento. Foi também identificado um muro de grande qualidade construtiva, com a face Sul revestida a estuque.

Paralelamente à realização das sondagens, procedeu-se a algumas prospecções de malha muito apertada, que permitiram recolher um importante conjunto de artefactos e definir um esboço preliminar de áreas de distintas características crono-funcionais no interior deste grande sítio arqueológico (tão esquemático quanto os dados de superfície o permitem).

O conjunto em estudo foi integralmente recolhido na zona baixa junto ao curso de água (a “horta” que denomina a propriedade). É nesta área que o maior volume de cerâmica de importação tem sido recolhido, o que nos leva a supor que uma extensão importante da *pars urbana* poderá estar aqui situada. Todavia, há que tomar em consideração que esta é uma zona terminal de escorrências pluviais, de acentuada deposição sedimentar, para além da cava do olival aqui existente ter conduzido certamente a importantes revolvimentos no subsolo, remexendo os níveis arqueológicos. De qualquer modo, desta área restrita provêm 95% dos fragmentos de cerâmica de importação recolhidos neste sítio arqueológico e todos os exemplares de *terra sigillata* hispânica tardia em análise.

Além dos fragmentos deste tipo cerâmico, foram já encontrados materiais com uma cronologia que abrange desde a primeira década do século I d.C. até meados do século VII d.C., sem

aparentes interrupções: *terra sigillata* itálica<sup>6</sup>, galo-romana, hispânica, africana clara A, C e D, lucernas, cerâmica de paredes finas, os característicos fabricos de cerâmica comum com decoração reticulada (entre outros tipos frequentes na região), *calculi*, pesos de tear, *dolia* e ânforas de várias classes e proveniências<sup>7</sup>. A avaliar pelo conjunto de mós que aqui foram encontradas, em número mínimo de sete, também a transformação de cereais seria uma actividade importante<sup>8</sup>. Na propriedade contígua, Herdade dos Merouços, existe, também, um peso de lagar proveniente da Horta da Torre.

## 2.2. Monte de São Francisco

Juntamente com a Horta da Torre, o Monte de São Francisco (Carneiro, 2002, 4.1. e ficha n.º 37) será o outro exemplo de *villa* de grande interesse, quanto à cultura material que está situada no território do concelho de Fronteira. Infelizmente, além das acções já descritas, verificou-se a construção de um barracão agrícola no centro da área arqueológica.

Embora São Francisco não apresente estruturas visíveis, o grau de concentração de vestígios permitiu que, em sucessivas prospecções, fossem determinados distintos núcleos no interior deste local, permitindo que se possam conjecturar, com bases sólidas, as possíveis compartimentações existentes no subsolo.

A área construída ultrapassa, em muito, a superfície dos edifícios que, actualmente, aqui se erguem. Assim, a Oeste, temos a área ocupada pela *pars urbana*, onde foi arrancado o mosaico e onde ainda se encontram algumas *tesselae* pertencentes a outro tapete, sendo que foi também encontrada uma base de coluna de mármore. Foi nesta zona que foram recolhidos os materiais de cronologia mais antiga, de meados do século I d.C. Na passagem das duas propriedades que o sítio ocupa, foram encontrados vários blocos de *opus signinum*, além de cerâmica de construção, grandes fragmentos de escória e um conjunto de cerâmica destinado a funções utilitárias e de armazenamento, como ânforas e *dolia*, o que nos induz a propor aqui uma zona de serviços, arrumos e trabalhos especializados (*pars rustica*?). A Este, uma extensão onde todos os fragmentos de *terra sigillata* baixo-imperiais foram recolhidos, para além de uma segunda base de mármore, mais pequena e que poderia estar integrada numa edícula. Aparentemente, este será um espaço mais tardio, de funcionalidade indeterminada. Mais a Sul, a presença de algumas lajes de xisto indica que poderá existir uma área de necrópole.

Quanto aos elementos móveis provenientes de São Francisco, há, naturalmente, a destacar duas epígrafes funerárias, uma já há muito conhecida<sup>9</sup>, sendo a outra de achado mais recente<sup>10</sup>. Além de uma *cuticula* em xisto, enumerem-se *terra sigillata* itálica, galo-romana, marmoreada, hispânica, africana clara A, C e D, lucernas, cerâmica de paredes finas, cerâmica comum de vários tipos (incluindo potinhos alentejanos, *mortaria* e outros que deverão ser de importação, sendo a este respeito, o sítio no concelho de onde provém a maior variedade morfo-tipológica), pratos com engobe vermelho pompeiano, *calculi*, *dolia* (vários com decoração), blocos de escória de grandes dimensões<sup>11</sup>, um fragmento de pulseira em vidro e numerosos tipos anfóricos<sup>12</sup>. Para já, os elementos mais relevantes que se encontram em falta neste conjunto são os pesos de tear.

Temos, desta forma, uma *villa* que parece ter um arco cronológico que vai do segundo quartel do século I d.C. a inícios do século VI d.C. Durante a sua ocupação é patente a plena inserção nos circuitos de circulação comercial de bens e produtos, sendo que, em especial, a concentração de *terra sigillata* africana clara é notável e deixa antever um período baixo-imperial de grande prosperidade e capacidade económica.

### 2.3. Monte de São Saturnino

Um dos sítios arqueológicos do concelho há mais tempo referenciado na bibliografia<sup>13</sup>, está situado nas proximidades da igreja do mesmo nome. Apresenta uma implantação típica das *villae*, situado a meia encosta, com linha de água na base, na proximidade de bons solos agrícolas e com orientação para Sudoeste.

Embora as evidências materiais não sejam tão expressivas, aqui encontra-se o único tapete de mosaicos visível no concelho, aflorando sob a casa agrícola ali existente. Em torno da casa encontram-se outros elementos, como silhares, mós, um fuste de coluna em mármore, além de um conjunto de materiais cerâmicos que, embora não sendo muito numeroso, apresenta *terra sigillata* itálica, hispânica e hispânica tardia, ânforas<sup>14</sup>, *dolia* e um extenso conjunto de fragmentos de cerâmica comum, muitos com marcas de fogo.

De qualquer forma, os materiais arqueológicos aqui encontrados, até ao momento, não são tão representativos como nos restantes sítios do elenco, o que pode unicamente ser motivado pelas diferentes possibilidades de visualização da superfície do solo e pelos factores de perturbação dos níveis e contextos arqueológicos.

### 2.4. Monte de São Pedro: contextos estratigráficos de proveniência

Em curso de escavação anual desde 2000, no âmbito de um projecto integrado de escavação, investigação e valorização, o Monte de São Pedro tem visto já algumas das mais relevantes informações a si alusivas publicadas<sup>15</sup>. Em relação aos dados então revelados, as campanhas seguintes têm confirmado as propostas avançadas, permitindo calibrar melhor as questões relacionadas com os *tempos* e *espaços* de São Pedro.

Trata-se de um sítio arqueológico onde ocorreram fortes fenómenos de perturbações pós-deposicionais, eventualmente relacionados com as características intrínsecas da ocupação antiga do local em momento tardio, e, sobretudo, por acção de factores erosivos naturais (fraca sedimentação e elevado desgaste por escorrências acentuadas pela implantação topográfica) e humanos (prática agrícola intensiva até aos anos oitenta, ocorrência de remeximentos e inversão de níveis por caçadores de tesouros). Verifica-se, assim, que, em determinados momentos, a escavação decorre a um nível inferior ao dos pavimentos, o que naturalmente cria severas perturbações na leitura interpretativa dos contextos arqueológicos.

Os trabalhos aqui realizados têm sido divididos em dois sectores diferentes. Em torno da igreja medieval (designado de ISP) foram já identificados um muro e um derrube de telhado pertencentes à época romana, mas o estado embrionário dos trabalhos não permite que se avancem análises concretas.

No outro (designado de SPD) foi definido um conjunto de compartimentos destinados ao armazenamento de produtos, com larga extensão de área construída e pavimentos de função utilitária<sup>16</sup>. Destaca-se, ainda, um conjunto de estruturas relacionadas com o armazenamento e circulação de água, como um tanque de pequenas dimensões (UE39) e um conjunto de canalizações. Pelos dados recolhidos, presumimos que a escavação esteja a decorrer num sector inserido na *pars rustica* da *villa*, embora, e apesar do volume de trabalhos já realizados, as propostas estejam longe de ser definitivas<sup>17</sup>.

De forma esquemática, temos três grandes momentos de ocupação:

Horizonte I – Fase de ocupação genericamente situada em meados do segundo milénio a.C., e que pode ser atribuída ao Bronze Médio/Final. Sobreviveu de forma residual unicamente em duas fossas idênticas de grande extensão (designadas UE34), que atravessam todo o Sector Sul de escavação.

Horizonte II – Situado ao longo do período que poderemos denominar de “época romana”:

- *Fase I* – Programa construtivo que, até ver, será o pertencente à primeira fase de ocupação do sítio. As estruturas englobadas são todas as pertencentes ao Sector Oeste (Compartimento 1), bem como a área do tanque UE39 e canalizações anexas. Meados do século I d.C. ao III.

- *Fase II* – Parte Este, em especial o Compartimento 2, e algumas remodelações verificadas a Oeste. Século III.

- *Fase III* – Toda a área Este, incluindo os Compartimentos 4 e 5. Está muito bem representada em toda a área escavada em 2003, com cronologia de construção definida para o início do século V<sup>18</sup> e uso seguro durante os séculos V/VI. A ocupação terá continuado pelas centúrias seguintes, a julgar pelos tipos de cerâmica comum encontrados aqui e na envolvente da igreja.

Horizonte III – Em momento indeterminado, mas com elevada probabilidade durante o século XIII/XIV, assiste-se à construção de uma igreja sobre um sector do sítio romano. Todavia, não está ainda esclarecido se teremos um momento intermédio entre o final da ocupação romana e este espaço, como parece ser possível, a julgar por um muro identificado numa pequena sondagem realizada no interior do edifício, ou se houve um hiato com reocupação. A igreja foi abandonada em momento incerto, mas sabemos que em 1758 já se encontrava em adiantado estado de ruína.

Na escavação de São Pedro foram recolhidos fragmentos de *terra sigillata* hispânica tardia nas seguintes Unidades Estratigráficas:

UE	Descrição da Unidade	Cron.	N.º fr.
1	Universal (a Sul sobre o afloramento)	I/Actual	5
18	Sobre afloramento (E do tanque)	II/VI	5
33	Oeste do muro UE30, sobre pavimento UE44	I/V	1
40	Enchimento do tanque UE39	IV	1
53	Enchimento do Comp. 1, sobre pavimento UE23	III/VI	1
75	Derrube muito bem conservado a Este da UE18	V/VII	2
<b>TOTAL SPD</b>			<b>15</b>
1	Universal	I/Actual	1
4	Revolvimentos no interior da igreja	I/Actual	2
14	A Este do muro UE14, sobre afloramento	II/IV	1
<b>TOTAL ISP</b>			<b>4</b>
<b>TOTAL FINAL</b>			<b>19</b>

Estes números lançam alguns dados interessantes para a análise.

Em termos numéricos, verifica-se que estamos perante um conjunto restrito, numericamente curto, se tomarmos em consideração que, em quatro campanhas, estão inventariados 374 fragmentos dos diversos tipos de *terra sigillata*. Todavia, é um conjunto relevante, visto que a escavação decorre numa área interpretada como sendo de serviços e arrumos, onde a presença de cerâmica fina (e, para mais, de um fabrico muito específico) não se adequa com as necessidades de uso que seria de esperar neste contexto estrutural.

Podemos verificar que, tal como outros fabricos de cerâmica de importação (Carneiro, 2002, cap. 6), os fragmentos de *terra sigillata* hispânica tardia apresentam uma significativa percentagem de recolha em contextos no interior de compartimentos e sobre pavimentos, ou seja, em contextos estratigráficos mais preservados, porque não revolvidos. Este facto leva-nos a supor um padrão de uso concentrado no interior de compartimentos, ocupando contextos estratigráficos bem precisos, o que também indica que a sua recolha em prospecção traduz um elevado revolvimento dos níveis arqueológicos, como terá sucedido com particular intensidade no Monte de São Francisco e na Horta da Torre.

À excepção da UE18, os fragmentos provêm de unidades fechadas, em níveis de uso ou selando momentos de utilização de espaços e estruturas que, pela correlação com outros materiais, podemos localizar na segunda metade do século III d.C., momento em que se deu um importante momento de remodelações neste sítio arqueológico (*Fase II*).

### 3. A *terra sigillata* hispânica tardia

Durante os meados do século III d.C., parece ter existido, nas regiões da bacia do Ebro, uma continuação das produções de *terra sigillata* hispânica alto-imperiais.

Para F. Mayet (1984), não existe uma interrupção na laboração das olarias riojanas (Trício), mas sim uma inovação no tipo de formas e de decoração que, mais tarde, por volta do séc. IV, sofre influências de todo um conjunto da nova baixela, cerâmica, de mesa importada do norte de África, então dominando o comércio em todas as províncias romanas.

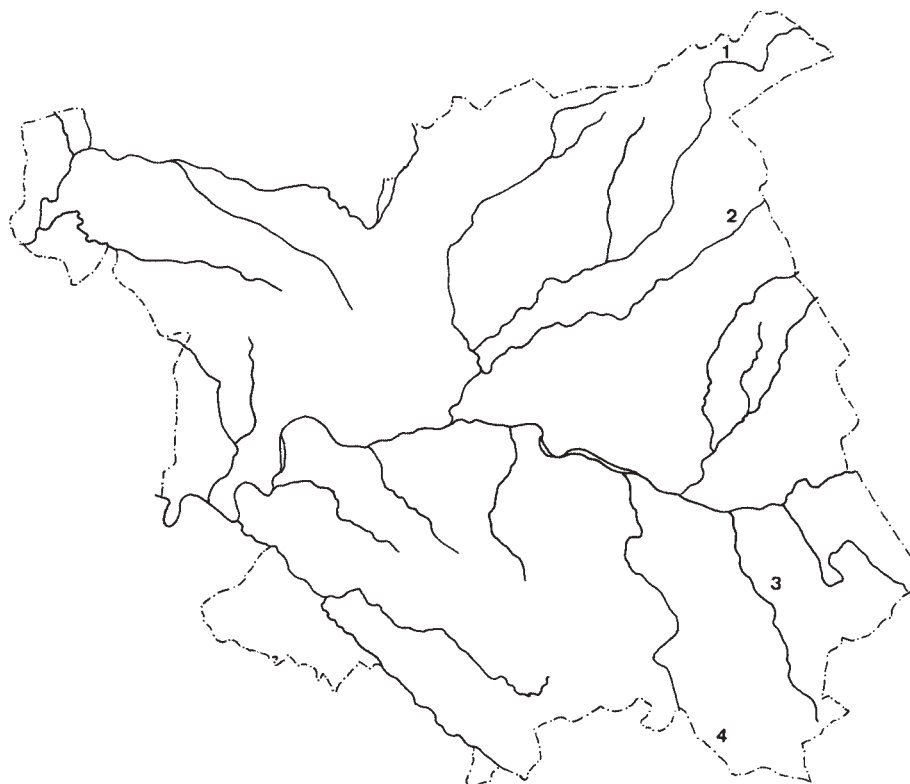


Fig. 1 Concelho de Fronteira. Arqueossítios onde foram recolhidos fragmentos de TSHt: 1 - Monte de São Pedro; 2 - Horta da Torre; 3 - Monte de São Saturnino; 4 - Monte de São Francisco.



A hipótese da existência de outra zona de produção de TSH na bacia do Douro é também, hoje em dia, considerado como um factor a ter em conta origem desta cerâmica (Juan Tovar, 2000; Menéndez Llorente, 2000).

Não tendo sido, até agora, de interesse para a investigação, excepção feita aos trabalhos de Manuela Delgado, aquando da publicação das *Fouilles* de Conímbriga, em 1975, altura em que esta investigadora considera os exemplares com características morfológicas das cerâmicas norte-africanas, mas com acabamento típico da *terra sigillata* hispânica, como *tardias regionais*, não temos conhecimento de um estudo dedicado a este tipo de cerâmica fina de mesa, em Portugal.

Todo esse trabalho se deve a investigadores espanhóis, como sejam Palol e Cortez (La Olmeda), Paz Peralta, Tovar (Quintanilla de la Cueva), Llorente (Valdeorras) e López Rodríguez.

#### 4. Difusão em Portugal

Na continuação do nosso estudo da *terra sigillata* hispânica tardia, iremos tentar desenhar um mapa de difusão desta cerâmica, à luz dos actuais conhecimentos, para o actual território português.

O trabalho de investigação que propusemos levar a cabo foi baseado na bibliografia por nós consultada, especialmente as obras de Russell Cortez, de 1951, e de López Rodríguez, escrita em 1985, e em informações que gentilmente nos foram cedidas por arqueólogos que compartilharam connosco resultados de escavações que ainda não foram publicadas.

Numa sequência em que privilegiámos a orientação de Norte para Sul, encontramos 32 arqueosítios de ocupação romana, nos quais foram exumados fragmentos ou peças inteiras de produção hispânica tardia.

Ressalvamos, no entanto, que pensamos ser possível estarmos a omitir outros sítios arqueológicos que possam ter nos seus espólios este tipo tardio de *terra sigillata*, para os quais não possuímos qualquer informação.

- Bragança – Castelo dos Mouros e Castro de Sacoias (Cortez, 1951);
- Braga – Cidade (López Rodríguez, 1985);
- Porto – Guilhabreu (López Rodríguez, 1985);
- Penafiel – Monte Mozinho (Carvalho, 2002);
- Santa Marta de Penaguião – Castro de Fontes (Cortez, 1951);
- Santa Maria da Feira – Castro de Fiães (Cortez, 1951);
- São Pedro do Sul – Castro do Banho (Cortez, 1951);
- Coimbra – Conímbriga (Delgado, 1975) e Museu Machado de Castro (Alarcão, 1971);
- Santarém – Alcáçova do Castelo (Viegas, 2002);
- Torres Vedras – Aldeia do Penedo (Sepúlveda, 2003);
- Vila Franca de Xira – *Villa Romana* de Povos (Dias, 1998);
- Sintra – *Villa Romana* de Santo André de Almoçageme (Sousa, 1992);
- Cascais – *Villa Romana* de Caparide e *Villa Romana* de Freiria (inédito)<sup>19</sup>;
- Lisboa – Banco Comercial Português, rua dos Correios (Amaro, 1995) e Castelo de São Jorge (inédito)<sup>20</sup>;
- Fronteira – Horta da Torre, Monte de São Francisco, Monte de São Pedro e São Saturnino (Carneiro, no prelo);



Monforte – *Villa Romana de Torre de Palma* (Mayet, 1984), Monte das Brancas, Poço do Mesquita e Torre do Alfange (inédito)<sup>21</sup>  
 Elvas – *Villa Romana da Quinta das Longas* (inédito);  
 Vidigueira – *Villa Romana de São Cucufate* (Mayet, 1990);  
 Grândola – Complexo industrial de Tróia (inédito);  
 Beja – Represas (Lopes, 1994);  
 Santiago do Cacém – Miróbriga (Dias, 1976/77);  
 Tavira – Balsa (Nolen, 1994);  
 Faro – Largo da Sé (Pereira, 2003)<sup>22</sup>

O mapa da Fig. 2 permite-nos tirar algumas conclusões que nos parecem significativas para o estudo do comércio na Península Ibérica, durante o período cronológico que vai desde os meados do século III d. C. e os meados do V, respeitante à TSHt para os territórios romanos, administrativamente inseridos na Lusitânia, e na Galécia, os quais formam hoje Portugal.

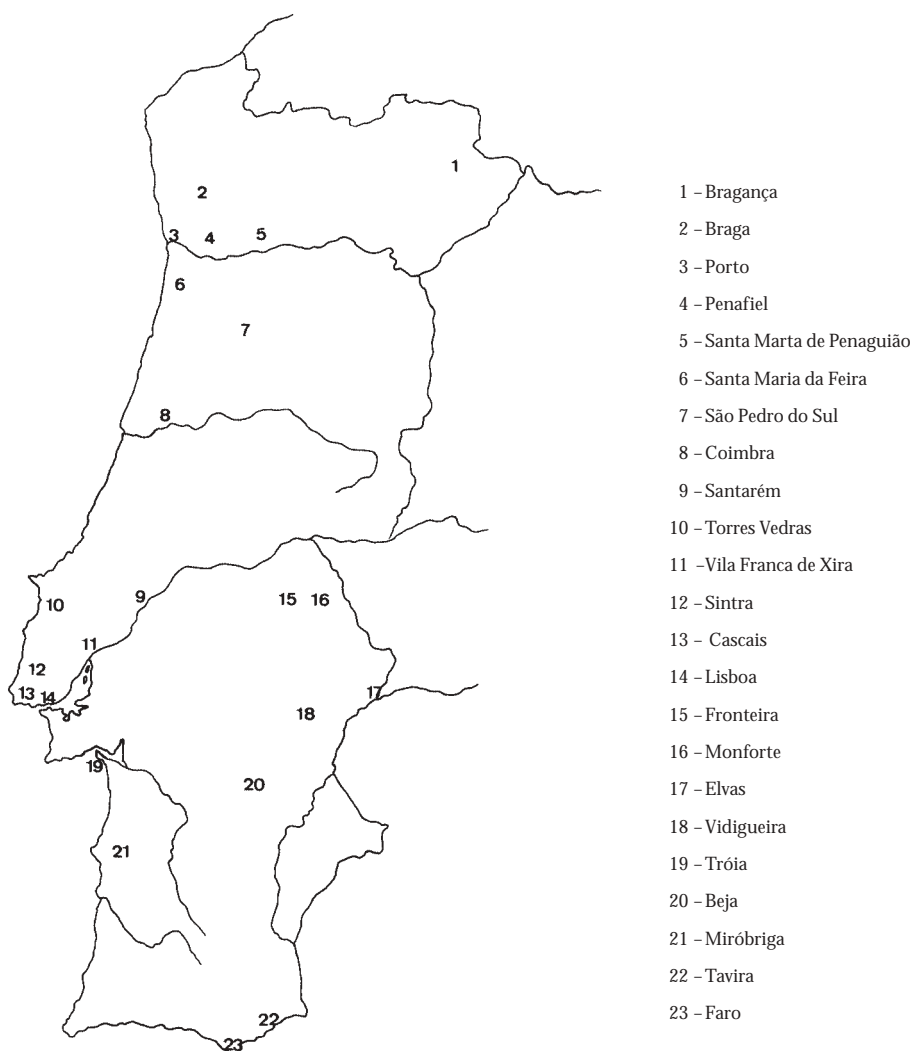


Fig. 1 Difusão da TSHt em Portugal.

Para a zona compreendida entre o Rio Minho e o Rio Mondego são os arqueossítios localizados junto do litoral e do hinterland mais próximo deste, aqueles que apresentam, nos seus espólios, fragmentos/peças de hispânica tardia. Será, no entanto, de referir a possibilidade de tal acontecer devido ao facto de se terem efectuado nesta zona trabalhos intensos de investigação arqueológica, que nos podem levar a tirar ilações precipitadas.

A grande concentração ao longo do Rio Douro leva-nos a pensar ser a via fluvial privilegiada para a efectivação do abastecimento, deste tipo cerâmico, desde o/s centro/s produtor/es, localizados, quer na região do Ebro, quer “na cuenca del Duero”, até ao consumidor.

Caso paradigmático é o de Conímbriga, visto que o estudo efectuado, de forma exaustiva, por Manuela Delgado permitiu dar a conhecer uma série de materiais exumados durante as campanhas de escavação, nos anos sessenta/setenta do século XX.

A zona da bacia do Tejo com Lisboa — o centro de comércio por excelência de toda a Lusitânia — apresenta um consumo elevado de taças e pratos de TSHt. Com a intensificação das escavações levadas a cabo em Lisboa e no seu *ager* pensamos, num futuro próximo, encontrar um consumo, desta cerâmica, não tão episódico como até agora se tem pensado.

Por fim, a região entre o Rio Tejo e o litoral algarvio apresenta-nos duas zonas distintas de consumo. A primeira, localizada no nordeste alentejano, onde os achados se distribuem por concelhos vizinhos (Fronteira, Monforte e Elvas), denotando influências da capital da província — Mérida e de um comércio que se desenvolveria, mais uma vez, por via fluvial, aproveitando o Guadiana; e a segunda, junto à costa do Algarve, com achados na cidade de Faro e em *Balsa* (Tavira), pressupondo, mais uma vez, a ligação à bacia hidrográfica de um rio, ou seja, o Guadiana.

## 5. Estudo da colecção

### Formas

O conjunto de 49 peças que fazem parte do nosso catálogo caracteriza-se por apresentar vários tipos cerâmicos que têm em comum um tipo de fabrico enquadrado nas chamadas produções tardias de *terra sigillata* oriundas do norte da Península Ibérica, mais precisamente da região de Tricio, já bem conhecida pela sua produção alto-imperial, assim como de novos centros oleiros localizados no Douro.<sup>23</sup>

Deste lote cerâmico exumado nos quatro arqueossítios do concelho de Fronteira, destacamos, pela sua importância, o grupo de quinze exemplares constituído pelas taças Drag. 37t, que apresentam composições decorativas.

É de salientar que as recolhas de superfície no Monte de São Francisco, são responsáveis pela quase totalidade destas peças, na medida em que apenas um fragmento é oriundo da Igreja de São Pedro.

Decorações com elementos típicos baixo-imperiais são bem visíveis em mais de 40% das peças (6 em 15), sendo de distinguir motivos como os que apresentam o fragmento MSF 223 que se encontra decorado com uma roseta de pétalas quadrangulares (1A/6, da classificação de López Rodríguez) o qual vai combinar com motivos verticais alternantes do tipo 1C/11 e 1C/24, sendo este último considerado como um dos *...más antiguos...* (López Rodríguez, 1985, p. 57). Já o fragmento do Monte de São Francisco (229), devido às suas pequeníssimas dimensões, apenas nos deixa vislumbrar um elemento em forma de ângulo do tipo 1C/1. Por sua vez, os temas seriados “sem fim” decoram as peças do MSF, com os números 159 e 225. No primeiro, observamos círculos secantes

(2A2/29), tema já utilizado na *terra sigillata* galo-romana e hispânica alto-imperial, combinados com temas interiores do tipo pontos (3B/26). Quanto ao segundo fragmento, apresenta temas figurativos em que...*la figuración no es "realista" sino que casi siempre aparecen "humanoides"...* (1985, p. 65). São do tipo 2A3/21 e 2A3/22 e parecem-nos representar uma pequena ave.

Os círculos duplos também serviram como elemento decorativo em dois exemplares de *terra sigillata* hispânica tardia exumados no Monte de São Francisco (121 e 195). São do tipo 3A/2/1 — círculos duplos decorados com pequenos semi-círculos, para o primeiro; e 3A/1/1, neste caso preenchidos por pequenos ângulos e, 3A/1/2 que se diferencia, da anterior, por não possuir o círculo inferior marcado, para o segundo.

Por fim, aparece-nos um elemento considerado como de remate, que se caracteriza por uma banda de pequenos círculos na horizontal (2B/4), efectuado a molde na peça encontrada na Igreja de São Pedro (20).

O restante das taças Drag. 37t são exemplares lisos que podem apresentar bandas de guilho-chis, do tipo "diamante", característico das produções baixo-imperiais. É o caso dos exemplares com os n.ºs HDT (283), MSF (236) e SPD (10). Já no fragmento de pança MSF (238), o guilho-chis é mais fino, ou seja, mais estilizado, o que nos leva a supor tratar-se de uma produção de transição com diacronia entre os finais do século II d.C. e os inícios do III.

Estão, também, presentes na nossa colecção formas pertencentes à produção hispânica tardia e referenciadas por Palol, para a *villa* romana de La Olmeda (1974).

Classificámos quatro taças (HDT, 231, 317, 325 e MSF 240) como equivalentes à forma Palol 10, atendendo às características, quer do corpo/pança, hemisférico, quer do bordo, em lábio espessado. Esta forma baseia-se no protótipo alto-imperial, conhecido como Ritterling 8.

Ao grupo das taças pertence, ainda, o exemplar de São Pedro, 198, que classificámos como possivelmente pertencente à forma Palol 9, que deriva das formas Drag. 24/25 e/ou 44 da produção dos séculos I e II d.C. Cronologicamente, pode-se classificá-la como uma produção de meados do século V.

Pratos com origem em louça de importação norte-africana estão, também, presentes nos fragmentos que exumámos nos arqueossítios de Fronteira.

As formas encontradas, embora, por vezes, tivéssemos tido grande dificuldade de as classificar devido à exiguidade do fragmento, podem ser atribuídas a travessas/pratos Palol 1, 2, 3 e 4, Hisp.t. 76 e Peralta 82A.

Pertencentes à forma Palol 3, catalogámos três exemplares, dois de São Pedro (63, 195) e outro do Monte de São Francisco. Todos eles são pequenos fragmentos de bordos em forma de aba, que nos parecem ser de pratos desta forma ou, remotamente, correspondentes à Palol 4.

No que concerne à Palol 2, forma que tem as suas origens na *terra sigillata* africana clara D, para a qual Tovar (2000, 55-59) define 6 grupos, com diacronias que variam ao longo de todo o século V d.C. e com possibilidade de entrarem pelo VI (cronologia de alguns exemplares de Conímbriga), encontramos, na Horta da Torre (n.º 339), um exemplar que apenas apresentava uma inflexão da parede interna o que nos levou a classificá-la dentro deste grupo.

O n.º HDT 338 é um pequeno fragmento de aba que deverá ser inserido na forma Palol 4. É um dos pratos mais vulgares da produção hispânica tardia (Conímbriga, Mérida, La Olmeda, Quintanilla de La Cueva), que copiou a forma Hayes 59 da TSAf. Clara e que apresenta uma diacronia de meados do século IV d.C., indo possivelmente até ao V, cronologia esta já da fase final da produção.

Por fim, optámos por equiparar os fragmentos MSF 224 e 237, provavelmente, à forma Palol 1. Os critérios que nos levaram a fazer esta escolha foram, no caso do segundo fragmento, o tipo de decoração que apresenta — estampilhado constituído por uma série de círculos duplos, de tama-

nhos pequenos e concêntricos; para o primeiro, o n.º 224, prendeu-se, com a existência de um resalto na parede interior, junto ao fundo. É-lhes atribuída a diacronia das taças Palol 1, que se estende desde a 2.ª metade do século IV até à 1.ª metade do V.

Para além destas formas, constam, ainda, do nosso catálogo, um bordo de uma possível tampa assimilável à forma Hisp. 7 (MSP 1), um fragmento de um prato (SPD 343), que embora só tenhamos a zona de inflexão da carena, nos parece idêntico à forma Hispt. 76, que apresenta paralelos para Pedrosa de la Vega e San Miguel de Arroyo (Mezquíriz, 1985, 165) com cronologia do século IV d.C. ao V, e um fragmento (MSF 228), que, com ressalva, o classificámos como um prato tipo Paz Peralta 82A.

### **Pasta e engobes**

No que diz respeito à pasta privilegiámos a compacidade, o grau de dureza, a porosidade, os componentes físicos e a cor, classificando-a de acordo com a tabela de Munsell. Já para o engobe, os critérios de agrupamento tiveram como base a espessura, o grau de aderência, o brilho e, por fim, a cor.

Com o propósito de facilitar a interpretação das características das várias pastas e engobes, optámos por definir 8 tipos, tendo dividido os dois primeiros, A e B, em dois subtipos A1, A2, B1 e B2.

Com base na interligação dos pressupostos acima indicados, foi-nos possível apresentar um conjunto de pastas-tipo bem definidas, e de engobes, que passamos a enumerar:

**Tipo A1** – Compacta, com vacúolos de forma alongada, com e.n.p. em que se distinguem calcites de grão médio e fino, micas raras, porosa, de fractura ondulada, de cor salmão/escuro 2.5YR 7/8; engobe pouco espesso, brilhante, de cor 2.5YR 6/8.

**Tipo A2** – Compacta, com vacúolos de forma alongada, com e.n.p. em que se distinguem calcites e hematites, porosa, de fractura irregular, de cor castanho-alaranjado, de cor 5YR6-6/8, engobe espesso, moderadamente brilhante, de cor 2.5YR6/8.

**Tipo B1** – Compacta, com vacúolos de reduzida dimensão alongados, muito depurada, com raros e.n.p. (calcite), porosa, de fractura ondulada, de cor vermelho/acastanhado 2.5YR 5/8; engobe pouco espesso, brilhante, de cor 2.5YR 6/8.

**Tipo B2** – Compacta, com raros vacúolos de reduzida dimensão alongados, com e.n.p. (calcites e raras micas), porosa, dura, de fractura ondulada, de cor castanho-tijolo, 2.5YR5/8; engobe idêntico ao tipo B1.

**Tipo C** – Compacta, com grande profusão de e.n.p. calcites e hematites, porosa, moderadamente dura, de fractura ondulada, de cor castanha/avermelhada 10R 5/8; engobe espesso, aderente, brilhante, de cor 10R 4/8, apresentando traços da roda.

**Tipo D** – Compacta, sem vacúolos, muito depurada com e.n.p. (calcite), muito porosa, de fractura ondulada, de cor salmão 2.5YR6/8; engobe espesso, aderente, brilhante, de cor 2.5YR5/8.

**Tipo E** – Compacta, com poucos e.n.p., calcites e hematites, porosa, dura, de fractura irregular, de cor vermelha-rosada, 10R5/8; engobe laranja-avermelhado 2.5YR5/8.

**Tipo F** – Compacta, com vacúolos de muito pequena dimensão, com raros e.n.p., calcites, dura, porosa, de cor avermelhada 2.5YR6/8; engobe brilhante, pouco espesso, de cor 2.5YR4/8.

**Tipo G** – Compacta, com e.n.p., calcites de tamanho médio, raras hematites e micas, porosa, de fractura irregular, dura de cor 2.5YR6/8; engobe espesso, brilhante de cor 2.5YR4/8.

**Tipo H** – Compacta com muitos e.n.p. de pequena dimensão, calcites, micas, quartzos, dura, porosa, de cor 10R5/6; engobe espesso, brilhante, matizado, de cor 10R5/8.

Classificados que foram todos os fragmentos de acordo com estes grupos-tipo, foi-nos possível elaborar um quadro em que se pode comparar formas e pastas e, deste modo, tentar atribuir a centros produtores às peças por nós exumadas.

Quadro 1. Relação pastas/formas e suas percentagens.											
	<b>A1</b>	<b>A2</b>	<b>B1</b>	<b>B2</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>	<b>F</b>	<b>G</b>	<b>H</b>	<b>Total</b>
DRAG. 37t	1	2	1	9	X	1	3	1	1	X	<b>19</b>
PALOL 1	1	X	X	1	X	X	X	X	X	X	<b>2</b>
PALOL 2	X	X	X	1	X	X	X	X	X	X	<b>1</b>
PALOL 3	1	1	X	1	X	X	X	X	X	X	<b>3</b>
PALOL 4	X	X	X	1	X	X	X	X	X	X	<b>1</b>
PALOL 9	X	X	X	1	X	X	X	X	X	X	<b>1</b>
PALOL 10	X	X	X	X	X	2	2	X	X	X	<b>4</b>
HISPt. 76	X	X	X	X	1	X	X	X	X	X	<b>1</b>
P. Peralta. 82	1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	<b>1</b>
HISP. 7	X	X	1	X	X	X	X	X	X	X	<b>1</b>
F. IND.	2	X	3	5	X	3	X	X	X	2	<b>15</b>
<b>TOTAL</b>	<b>6</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>19</b>	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>49</b>
%	12.24	6.12	10.20	38.77	2.05	12.24	10.20	2.05	2.05	4.08	<b>100,00</b>

As pastas do tipo **B** representam cerca de 50% das definidas para a colecção. Parecem-nos pertencer ao grupo do *Valle de Najerilla* (olarias de La Rioja) e não se afastam muito dos padrões físico/técnicos apresentados por F. Mayet (1975, 43) para os achados de Conimbriga – segundo grupo de fabrico (E 2).

Seguem-se-lhe as pastas do tipo **A**, com pouco mais de 18%, onde os vacúolos de forma alongada prevalecem, como característica fundamental. Aproximam-se do grupo IB de Valdeorras (Menéndez Llorente, 2000, 75), que a investigadora galega considera como produções “*del valle del Duero*”.

Os tipos C, F e G são residuais e apenas contabilizámos um exemplar para cada um deles. Possuem, de facto, características muito peculiares, que os tornam difíceis de se lhe atribuir um centro produtor de origem, quer na região de Tricio, quer no *Duero*.

A modo de conclusão desta breve abordagem de um tema pouco estudado pelos investigadores portugueses de cerâmicas finas romanas de mesa, podemos avançar com os seguintes pressupostos, que pretendem ser uma pequena contribuição para estudos vindouros:

Da panóplia de formas apresentadas é de destacar a presença da Drag. 37 tardia nas suas duas variantes – A (catálogo n.ºs 13 e 14) e B (n.ºs 2, 15 e 16);

Nas decorações, encontramos os estilos de Mayet, I (figurativo, em faixas) e II (rodas e círculos secantes), para além de formas lisas apresentando algumas delas guilhocis;

No que diz respeito aos arqueossítios de Fronteira é, sem dúvida, o Monte de São Francisco, embora não se tenham ainda efectuado escavações, o que nos oferece maior número de peças de excelente qualidade, demonstrando, como o que acontece com a *villa* romana de São Pedro e a Horta da Torre, uma pervivência de habitats romanos durante os séculos IV d.C. e V, quiçá até ao 1.º quartel do VI;

As distribuições que apresentámos *supra*, para o actual território português, possui três pólos principais, que aparecem sempre localizados juntos a bacias hidrográficas ou a zonas costeiras;

Tornou-se difícil, sem análises mais especializadas, a atribuição da produção de *terra sigillata* hispânica tardia a olarias bem determinadas. Desta forma, indicar que a maioria dos fragmentos pertencem a Tricio ou ao vale do *Duero*, poderá correr alguns riscos, pois a nossa análise não ultrapassou a mera observação macroscópica.

## Catálogo

### Monte de São Francisco

MSF/01RS/1[121] – Fragmento de pança de taça possivelmente da forma Drag. 37t decorada com motivos 3A/2/1. Produção tipo B2.

MSF/03RS/1[159] – Fragmento de pança com zona de inflexão para o bordo de taça da forma Drag. 37t, decorada com motivos 2A2/29, círculos secantes, e 3B/26, pontos. Produção tipo A2.

MSF/03RS/1[195] – Fragmento de pança de taça da forma Drag. 37t, decorada com motivo tipo 3A1/1 e 3A1/2 (círculos duplos com ângulos). Produção tipo B2.

MSF/04RS/1[196] – Fragmento de pança de possível taça da forma Drag. 37t. Produção tipo A1.

MSF/03RS/1[223] – Fragmento de pança, possivelmente de taça da forma Drag. 37t, decorada com motivos 1A/6, 1C/11 (variante) e 1C/24. Produção do tipo B2.

MSF/03RS/1[224] e MSF/01RS/1[85] – Fragmento de base de prato e arranque de parede de forma Palol 1 ou 3. Apresenta um grafito em X na parede interna. Produção tipo B2.

MSF/03RS/1[225] – Fragmento de parede decorada da forma Drag. 37t. Decoração de tipo 2A3/21 ou 2A3/22, tipo peixe estilizado. Produção tipo B2.

MSF/03RS/1[227] – Fragmento de bordo com lábio lanceolado e parede de taça da forma Drag. 37t. Possivelmente não decorada. Produção tipo E.

MSF/03RS/1[228] – Fragmento de fundo de prato em que a parede interna apresenta um resalto. Possivelmente da forma Paz Peralta 82A. Produção tipo A1.



MSF/03RS/1[229] – Pequeno fragmento, provavelmente de taça da forma Drag. 37t, decorado com motivo 1C/1. Produção tipo B2.

MSF/03RS/1[232] – Fragmento de bordo em aba de parede de prato/taça, forma Palol 3 (possivelmente grupo La Olmeda). Produção de tipo A1 (não desenhada).

MSF/03RS/1[233] – Fragmento de parede de prato de forma indeterminada. Produção tipo B2.

MSF/03RS/1[234] – Fragmento de bojo com base, possivelmente de taça de forma indeterminada. Produção tipo B2.

MSF/03RS/1[235] – Fragmento de parede de forma indeterminada. Produção tipo B1.

MSF/03RS/1[236] – Fragmento de bojo possivelmente de taça da forma Drag. 37t. Apresenta guilhochis em forma de diamante. Produção tipo D.

MSF/03RS/1[237] – Fragmento de fundo de prato, possivelmente da forma Palol 1. Apresenta decoração estampada de dois pequenos círculos concêntricos. Produção tipo A1.

MSF/03RS/1[238] – Pequeno fragmento de bojo possivelmente de taça. Apresenta decoração com guilhochis de diferente tamanho. Produção tipo D.

MSF/03RS/1[239] – Fragmento de parede de taça, possivelmente Drag. 37t. Apresenta uma decoração tipo guilhochis ligado e aplicado em faixas. Produção tipo B1.

MSF/03RS/1[240] – Fragmento de bojo, possivelmente de taça Palol 10 = Hispt. 8. Apresenta guilhochis. Produção tipo D.

MSF/01RS/1[242] – Fragmento de bojo que será, possivelmente, de forma Drag. 37. Pasta de tipo E.

#### **Monte de São Pedro/ Igreja de São Pedro**

SPD1/00UE1[3] – Fragmento de bordo em aba de prato da forma Palol 3 ou 4. Produção tipo A2.

SPD2/01UE1[195] – Fragmento de parede de forma indeterminada que apresenta guilhochis. Produção tipo B2.

SPD2/01UE1[198] – Fragmento de parte superior do bordo e toro ou separação de parede inferior de taça do tipo Palol 9. Produção tipo B2.

SPD2/01UE1[200] – Fragmento de fundo com base com pé quase rente de prato de forma indeterminada. Produção tipo B2.

SPD3/02UE1[343] – Fragmento de parede e carena de prato, possivelmente da forma Hisp. 76. Produção tipo C.

SPD2/01UE18[63] – Fragmento de bordo em aba de prato possivelmente de forma Palol 3 ou 4. Produção tipo A2.

SPD2/01UE18[67] – Pequeno fragmento de bojo com inflexão possivelmente de taça. Produção tipo A1.

SPD2/01UE18[77] – Pequeno fragmento de base com pé em bolacha. Produção tipo A1.

SPD2/01UE18[82] – Fragmento de bojo de forma indeterminada. Produção tipo D.

SPD3/02UE18[97] – Fragmento de parede com pé muito reduzido marcado por canelura e parede inferior de taça, provavelmente da forma Drag. 37t. Apresenta uma faixa de guilho-chis. Produção tipo B2.

SPD02/01UE33[1] – Fragmento possivelmente de tampa da forma Hispt. 7. Produção tipo B1.

SPD2/01UE40[4] – Dois fragmentos (da mesma peça) de bordo de taça da forma Drag. 37t. Bordo esvasado, ligeiramente lanceolado. Apresenta traços de canelura na parede. Produção tipo F.

SPD4/03UE75[2] – Fragmento de bojo de forma indeterminada. Produção de tipo B1.

SPD4/03UE75[10] – Fragmento de bordo e parede de taça da forma Drag. 37t. Apresenta duas bandas de guilho-chis de tipo diamante. Produção tipo G.

ISP2/01UE1[34] – Pequeno fragmento não definível. Produção tipo B1.

ISP3/02UE1[23] – Fragmento de bojo com inflexão de prato de forma indeterminada. Produção tipo B2.

ISP2/01UE4[20] – Fragmento de pança de possível taça Drag. 37t, decorada com motivo 2B/4. Produção tipo B2.

ISP4/03UE14[12] – Fragmento de pança, possivelmente de forma Drag. 37t, com decoração com motivos 2B/9 e 3A/3/1 ou 3A/3/2. Produção tipo B2.

### **Horta da Torre**

HDT/02RS/1[337] – Fragmento de base com pé raso de taça possivelmente da forma Drag. 37t. Produção tipo A2.

HDT/02RS/1[338] – Fragmento de bordo em aba de prato ou travessa de forma Palol 4. Produção tipo B2.

HDT/02RS/1[339] – Fragmento de inflexão de parede de prato possivelmente da forma Palol 2. Produção tipo B2.

HDT/02RS/1[340] – Fragmento de pança de taça/prato de forma indeterminada. Produção tipo H.

HDT/03RS/1[182] – Fragmento incaracterístico de prato de forma indeterminada. Produção tipo D.

HDT/03RS/1[231] – Fragmento de bordo de perfil lanceolado e parede de taça da forma Palol 10 = Hisp. 9t. Produção de tipo D.

HDT/03RS/1[252] – Fragmento de parede de taça de forma indeterminada. Apresenta guilhochis em bandas. Produção tipo H.

HDT/03RS/1[283] – Fragmento de bojo de taça da forma Drag. 37t. Apresenta guilhochis tipo diamante. Produção tipo E.

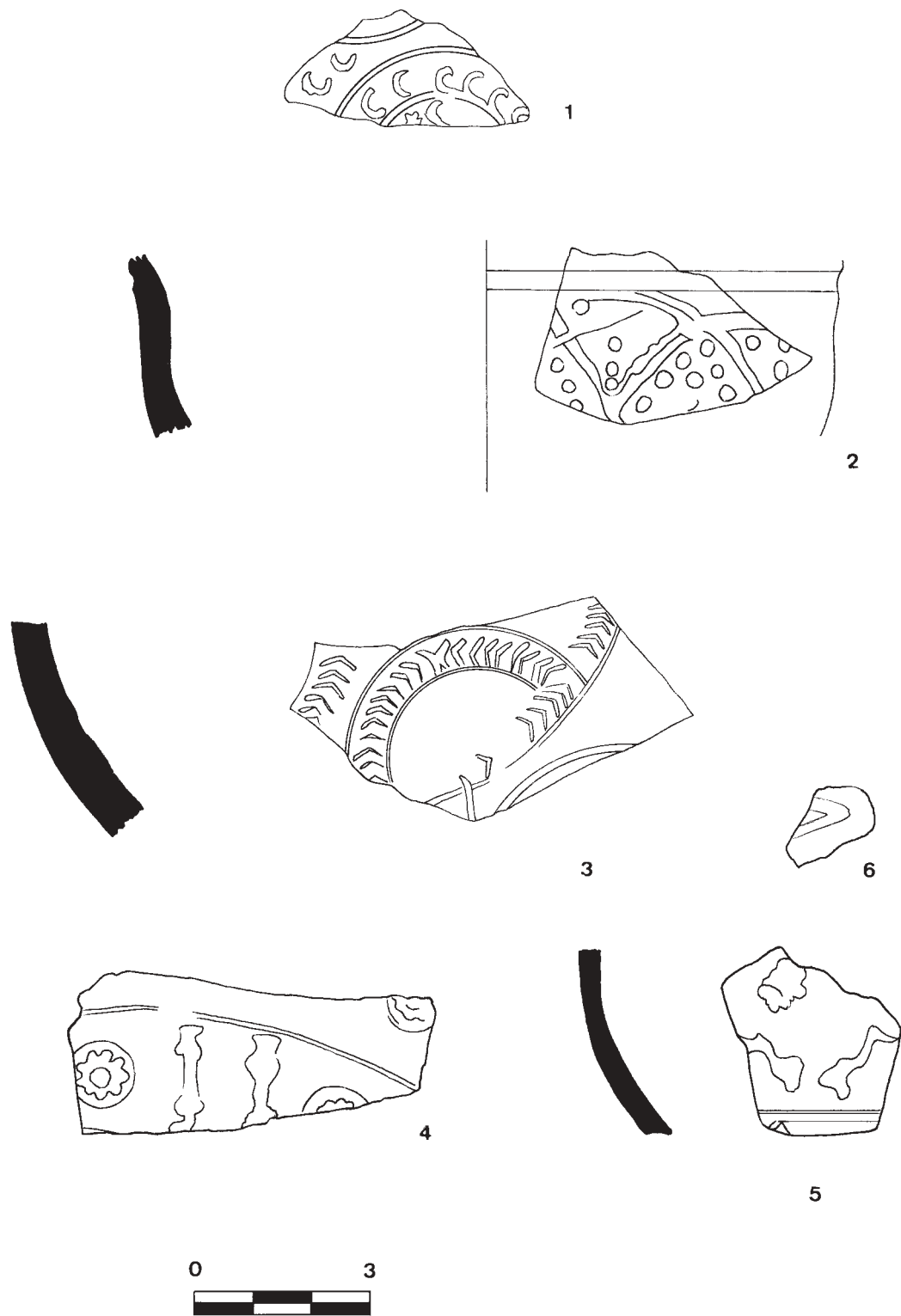
HDT/03RS/1[317] – Fragmento de bojo com inflexão de taça, provavelmente da forma Palol 10 = Hisp. 8t. Produção tipo E.

HDT/03RS/1[325] – Fragmento de bordo boleado e arranque de parede de taça, possivelmente da forma Palol 10 / Hisp. 8t. Produção tipo E.

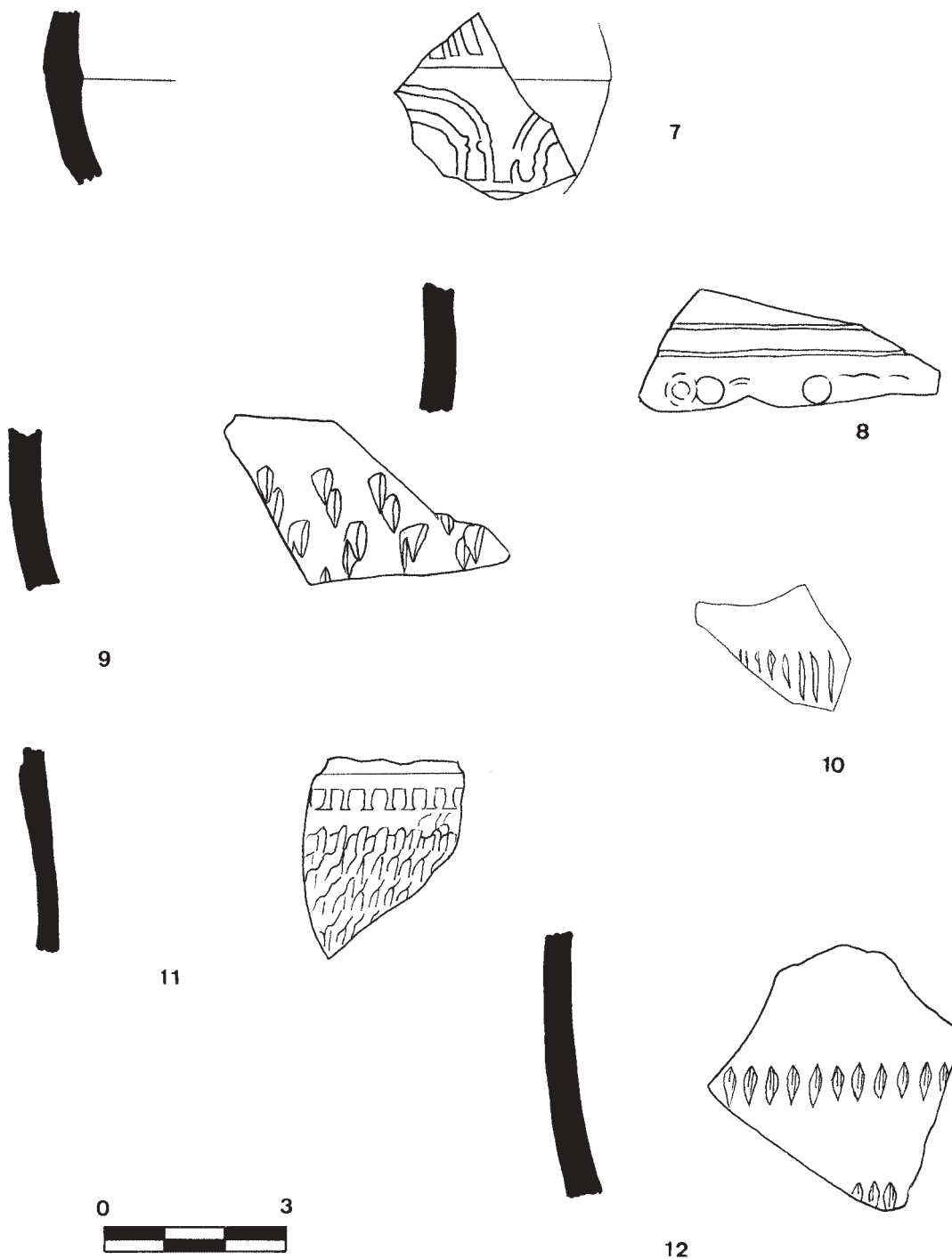
### **São Saturnino**

SST/03RS/1[35] – Fragmento de base com pé raso, apresentando caneluras e possivelmente de taça de forma Drag. 37t. Produção tipo B2.

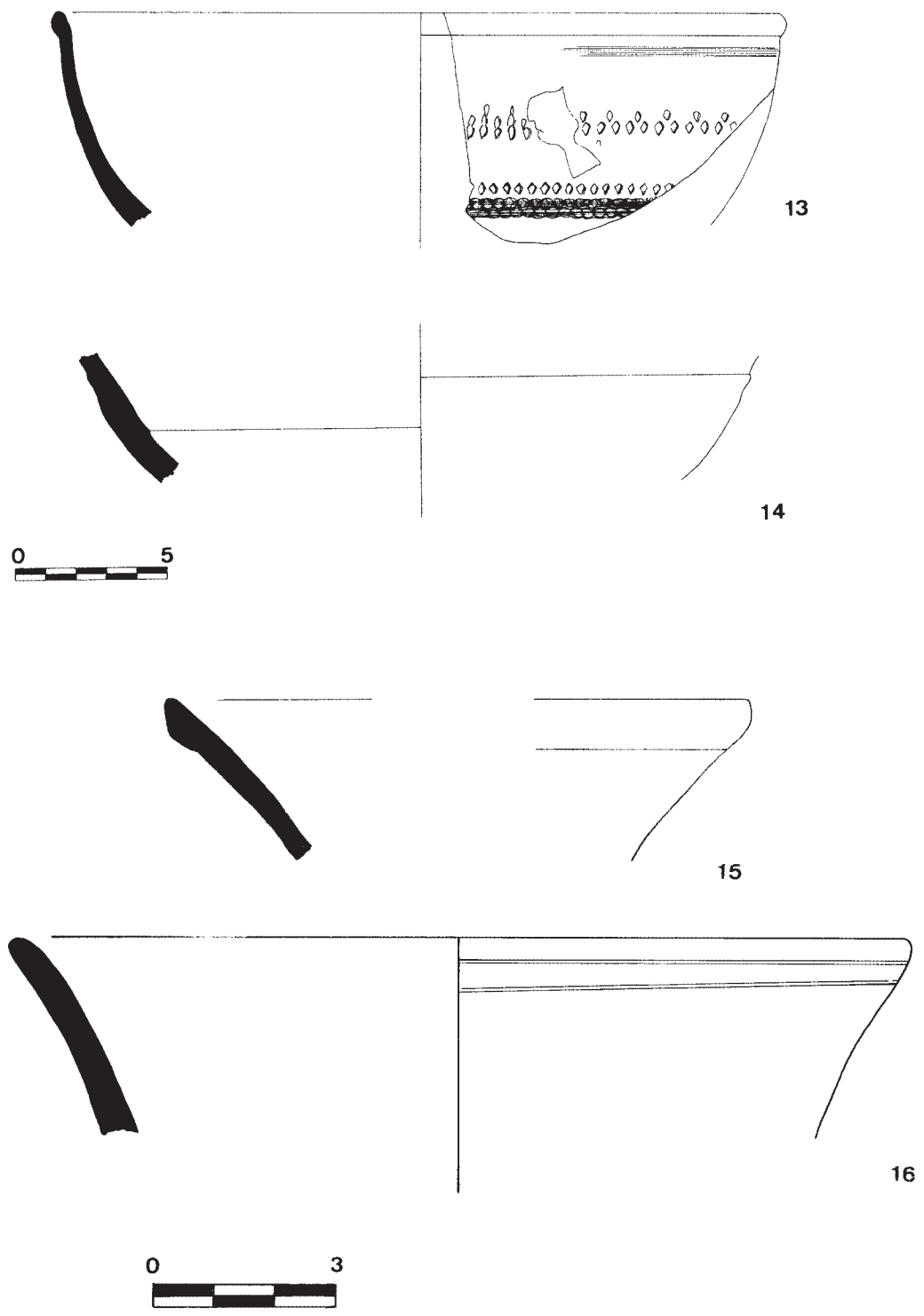
SST/03RS/1[36] – Fragmento de forma indeterminada. Produção tipo B2.



Estampa I Drag, 37 decorada: 1-6 - MSF 121, 159, 195, 223, 225, 229.

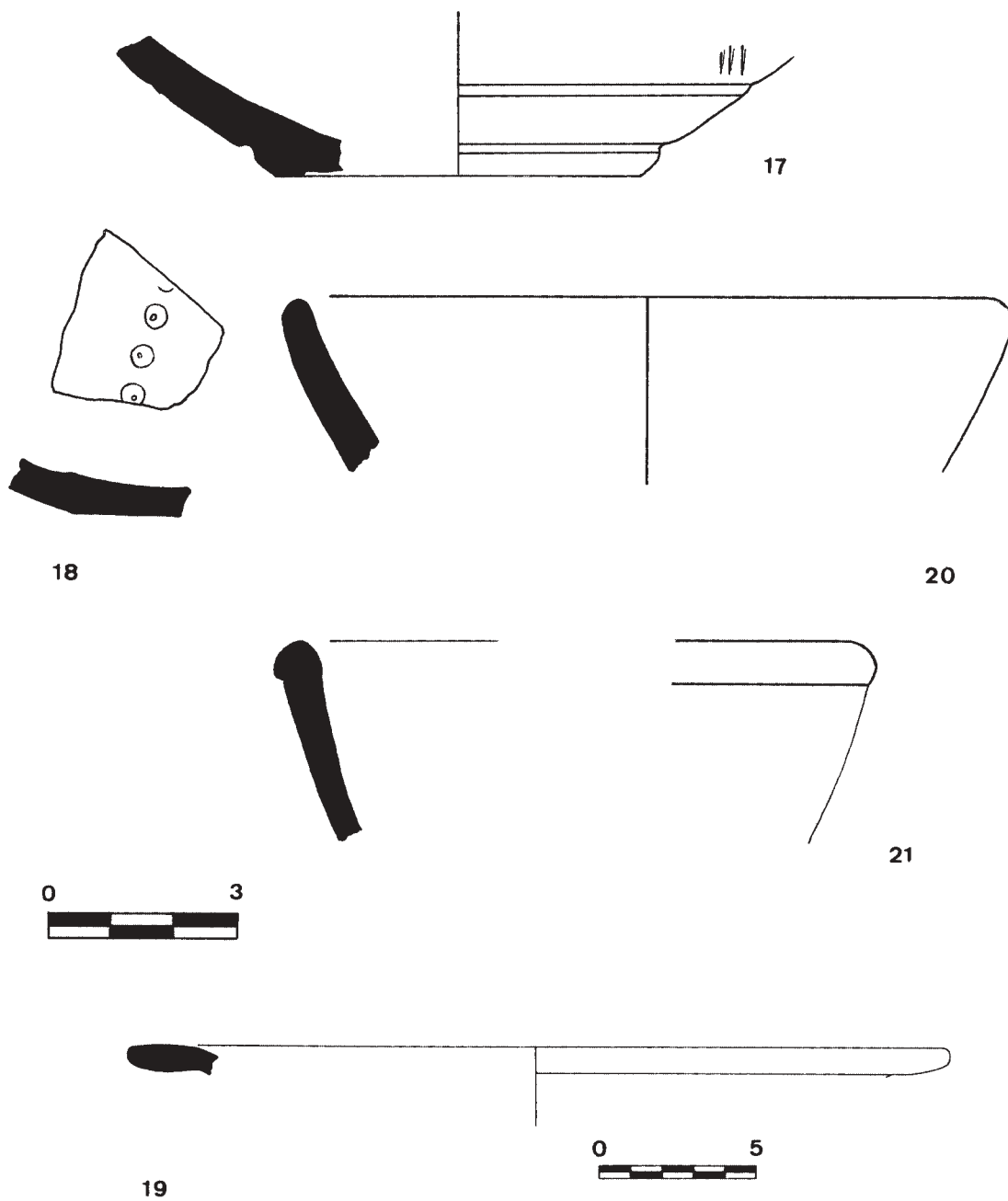


Estampa II Drag. 37 decorada: 7-8 – ISP 12, 20. Drag. 37 com guilhochis: 9-12 – MSF 236, 238, 239; HDT 283.

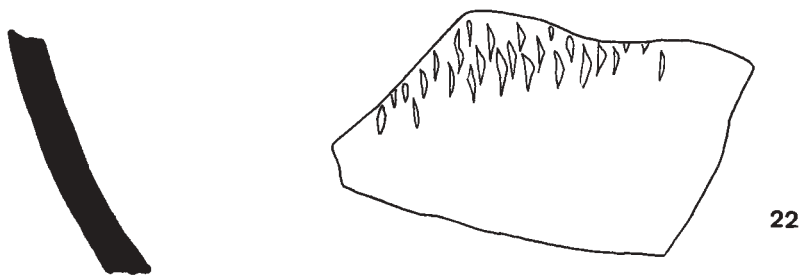


Estampa III Drag. 37 com guilhochis: 13 – MSF 10. Drag. 37t: 14-16 – MSF 196, 227; SPD 4.





Estampa IV Drag. 37t: 17 - SPD 97; Palol 1: 18 - MSF 237; Palol 4: 19 - HDT 338; Palol 10: 20-21 - HDT 240, 325.



Estampa V Palol 10?: 22 – MSF 240; Hisp. 76t: 23 – SPD 343; P. Peralta 82A?: 24 – MSF 228; Forma Ind.: 25 – SPD 200.

## NOTAS

- \* Arqueólogo da Câmara Municipal de Fronteira
- \*\* Membro da Associação dos Arqueólogos Portugueses/Economista
- 1 Apesar das dificuldades de interpretação que se comentam no ponto 3.
  - 2 Ou seja, até ao fecho de ano 2003.
  - 3 Desta forma, já existe um acréscimo relevante em relação aos sítios apresentados em Carneiro, 2002, onde foram incluídos 36 sítios de época romana imperial.
  - 4 Para outros tipos de materiais — ânforas (onde esta situação também se verifica) — remetemos para Carneiro e Alves, *no prelo*, para a cultura material em geral, Carneiro, 2002, cap. 6.
  - 5 Os outros sítios classificados como *villae* no concelho de Fronteira são Almo, Santo Cristo e Herdade da Palhinha. Em todos eles, o panorama é muito distinto, mas seja por diferentes momentos de ocupação, por circunstâncias relacionadas com o uso posterior e actual dos solos, ou pelas características da presença antiga que em cada um deles teve lugar, verifica-se que os materiais recolhidos nestes sítios são escassos e de pouca relevância. Para os aspectos específicos de cada um, ver Carneiro, 2002, cap. 4, e fichas de sítio.
  - 6 Com duas marcas de oleiro integralmente conservadas e que serão incorporadas num futuro estudo em que serão apresentadas todas as marcas exumadas no concelho de Fronteira.
  - 7 De sete tipologias diferentes. Para este caso, remetemos para Carneiro e Alves, *no prelo*.
  - 8 Embora este aspecto se prenda também com uma necessidade básica de alimentação para auto-consumo, e seja quase impossível calcular o número de mós que seria necessário para sustentar a população residente numa *villa* romana, não deixa de ser importante notar que este é o maior conjunto proveniente de um único sítio do concelho, seguindo-se Talha de Baixo e Monte de São Saturnino, com três.
  - 9 Vasconcellos, 1916, p. 318, 1927-29, p. 219; Lambrino, 1967, p. 209; Encarnação, 1984, p. 544, n.º 463; Carneiro, 2002a, p. 6.7.
  - 10 Infelizmente ilegível: Carneiro, 2002, p. 6.7. e anexo epigráfico.
  - 11 Carneiro, 2002, p. 51 e 108.
  - 12 De cinco classes diferentes. Novamente se remete para o trabalho no prelo de Carneiro e Alves.
  - 13 Vasconcellos, 1927-1929, Chaves, 1936; ver também: Carneiro, 2002, p. 53-54 e ficha n.º 38.
  - 14 Apenas se recolheram fragmentos de uma tipologia, a Almagro 51c: Carneiro e Alves, *no prelo*.
  - 15 Sobretudo Carneiro, 2002, cap. 5.2. e ficha n.º 53. Por economia de espaço, no presente artigo, fazemos apenas uma breve resenha das escavações já realizadas, remetendo o leitor para os referidos trabalhos onde os resultados são apresentados mais exaustivamente.
  - 16 Trata-se de pisos do tipo *coccio pesto* (UE 21, 23, 37, 44, 77), composto por cerâmica triturada e depois pisada, formando um pavimento muito homogéneo e compacto, presente, sobretudo, em contextos funcionais e de serviços (Carneiro, 2002, p. 85).
  - 17 De quatro campanhas realizadas, resultou uma área aberta de 496 m<sup>2</sup> (é utilizado o método de *open area*) na *pars rustica* e de 87 m<sup>2</sup> em torno da igreja. Se aplicarmos estes valores a um sítio cuja área potencial de ocupação está estimada em 40 000 m<sup>2</sup>, facilmente se compreende o lento ritmo de obtenção de resultados.
  - 18 Moeda de Arcádio (383-408 d.C.) encontrada na argamassa de assentamento do pavimento UE78.
  - 19 *Villae* romanas escavadas pelo Dr. Guilherme Cardoso, a quem agradecemos.
  - 20 Informação cedida pelas Dr.<sup>as</sup> Alexandra Gaspar e Ana Gomes.
  - 21 Agradecemos ao Dr. Rui Boaventura pela informação sobre estes arqueossítios.
  - 22 Pensamos serem os fragmentos apresentados como Luzentes tratarem-se, na realidade, de exemplares de terra sigillata hispânica tardia.
  - 23 Atendendo ao facto destas olarias se situarem na parte espanhola do rio passaremos a designá-las como de origem do DUERO.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1988) - *Roman Portugal*. Londres: Warminster: Aris & Phillips.
- ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (1990) - *Les villas romaines de São Cucufate* (Portugal). Paris: De Boccard.
- BELTRÁN, M. (1990) - *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza: Pórtico.
- BOURGEOIS, A.; MAYET, F. (1991) - *Les Sigillées de Belo VI*. Paris: Casa de Velázquez.
- CABALLERO ZOREDA, L. (1982) - Una muestra de cerámicas sigillatas claras e hispánicas tardias de Mérida. *Homenaje a Saenz de Buruaga*. Madrid, p.177-200.
- CARNEIRO, A. (1999-2000) - A *villa* romana da Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira). *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre*. Lisboa. 13-14, p. 77-94.
- CARNEIRO, A. (2002) - *Povoamento romano no actual concelho de Fronteira*. Dissertação de Mestrado em Cultura e Formação Autárquica apresentada à F.L.U.L. 3 vols [policopiada].
- CARNEIRO, A.; ALVES, V. (*no prelo*) - *Ânforas romanas do concelho de Fronteira*.
- CARVALHO, T. (2002) - Monte Mozinho: A *terra sigillata* recuperada do sector B. *Portugalia*. Penafiel. Nova Série. 23, p. 117-154.
- CHAVES, L. (1936) - Mosaicos lusitano-romanos em Portugal. *Revista de Arqueologia*. Lisboa. 3:3, p. 21-23, 56-60 e 83-87.
- CORTEZ, F. (1951) - Da “Terra sigillata” tardia encontrada em Portugal. *Beira Alta* (separata). Viseu.
- DIAS, L. (1976/77) - Terra sigillata de Mirobriga. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 361-410.
- DIAS, L. (1995-7) - Terra sigillata da *villa* romana de Povos (Vila Franca de Xira). *CIRA*. Vila Franca de Xira. 7, p. 13-24.

- DELGADO, M. (1975) - Une sigillée tardive régionale. In ALARCÃO, J.; ETIENNE, R. - *Fouilles de Conimbriga*. Paris: Diffusion E. de Boccard. IV, p. 317-335.
- ENCARNAÇÃO, J. (1984) - *Inscrições Romanas do Conuentus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.
- JEREZ LINDE, J. M. (2003) - Terra Sigillata Hispánica Tardia. In ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J. M.; NOGALES BASARRATE, T. - *Forum Coloniae Augustae Emeritae. "Templo de Diana"*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- JUAN TOVAR, L. C. (1992) - Terra sigillata hispánica y africana tardía. In CABALLERO ZOREDA, L., ed. - *Arcóbriga - II Las cerámicas romanas*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 137-139.
- JUAN TOVAR, L. C. (2000) - La terra sigillata de Quintanilla de la Cueva. In GARCÍA GUINEA, M. A. - *La villa romana de Quintanilla de la Cueva (Palencia). Memoria de las excavaciones 1970-1981*. Palencia: Diputación Provincial, p. 45-123.
- LAMBRINO, S. (1967) - Catalogue des inscriptions latines du musée Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III.1, p. 123-217.
- LÓPEZ RODRÍGUEZ, J. (1985) - *Terra sigillata hispánica tardia decorada a molde de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad.
- LÓPEZ RODRÍGUEZ, J.; REGUERAS GRANDE, F. (1987) - Cerámicas tardorromanas de Villanueva de Azoague. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid. 53, p. 124-159.
- MAYET, F. (1983-1984) - *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire romain*. Paris: E. de Boccard.
- MENÉNDEZ LLORENTE, A. (2000) - *La comarca de Valdeorras en época romana: la cerámica sigillata*. Obarco (Ourense): Peymar artes gráficas.
- MEZQUÍRIZ, M. (1985) - Terra Sigillata Hispánica. In *Atlante delle forme ceramiche. II. Cerámica Fina Romana nel Bacino Mediterraneo (Tardo Ellenismo e Primo Impero)*. Roma, p. 97-174.
- NOLEN, J. (1994) - *Cerámicas e vidros de Torre de Ares*. Balsa. Lisboa: IPM.
- ORFILA, M. (1993) - Terra Sigillata Hispánica Tardia Meridional. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 66, p. 125-147.
- PALOL, P.; CORTÉS, J. (1974) - *La villa romana de La Olmeda, Pedrosa de la Vega (Palencia). Excavaciones de 1969 y 1970*. Madrid: Ministerio de Cultura (Acta Arqueológica Hispánica; 7).
- PAZ PERALTA, J. (1991) - *Cerámica de mesa romana de los siglos III al VI d.C. en la provincia de Zaragoza*. Zaragoza: Pórtico.
- PEREIRA, A. (2003) - Terra sigillata do Largo da Sé – Faro. *Anais do Município de Faro*. Faro. 31-32, p. 61-76.
- PÉREZ ALMOGUERA, A. (1999) - Las excavaciones de la Paeria, Lleida, los niveles augusteos y bajo-imperiales. *La terra sigillata. Revista d'Arqueologia de Ponent*. Lleida. 9, p. 215-249
- PÉREZ RODRÍGUEZ, F.; GARCÍA ROZAS, M. (1989) - Nuevos datos acerca de la producción de Terra Sigillata hispanica tardia. *Boletín del Seminario de Arte y Arqueología*. Valladolid. 55, p. 169-191.
- ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. (1999) - *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones alto-imperiales*. Málaga: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Málaga.
- SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, É.; SOUSA, V. (2003) - Cerámicas finas romanas do Museu Municipal Leonel Trindade (Torres Vedras). II: a terra sigillata. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 299-321.
- SOUSA, É. (1992) - Terra Sigillata Hispánica Tardia da Villa de Santo André de Almoçageme (Colares Sintra). *Artefactos*. Lisboa. 1, p. 16-21.
- VASCONCELLOS, J. L. (1916) - Notas epigráficas - 1. Dois monumentos sepulcrais do Alentejo. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 21:1-2, p. 316-319.
- VASCONCELLOS, J. L. (1927-1929) - Antiguidades do Alentejo. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 28, p. 158-200.
- VIEGAS, C. (2002) - *A terra sigillata da Alcáçova de Santarém. Cerâmica, economia e comércio*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.